

O QUE  
ACONTECE  
QUANDO  
A GENTE  
CRESCER?

**Manuel Filho**

ilustrações **Vanessa Prezoto**



Texto © Manuel Filho  
Ilustração © Vanessa Prezoto

Direção editorial  
*Marcelo Duarte*  
*Patth Pachas*  
*Tatiana Fulas*

Gerente editorial  
*Vanessa Sayuri Sawada*

Assistentes editoriais  
*Henrique Torres*  
*Laís Cerullo*  
*Samantha Culceag*

Projeto gráfico, capa  
e diagramação  
*Vanessa Prezoto*

Preparação  
*Tássia Carvalho*

Revisão  
*Vanessa Oliveira Benassi*  
*Clarisse Lyra*

Impressão  
*Corprint*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F512q  
Filho, Manuel  
O que acontece quando a gente cresce? / Manuel Filho;  
ilustração Vanessa Prezoto. – 1. ed. – São Paulo: Panda  
Books, 2024. il.; 25 cm.

ISBN 978-85-7888-767-4

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Pre-  
zoto, Vanessa. II. Título.

23-87365

CDD: 808.899282  
CDU: 82-93(81)

Gabriela Faray Ferreira Lopes – Bibliotecária – CRB-7/6643



2024

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para minha querida Luciene Cioffi,  
que cresce entre flores e livros.

Manuel Filho

Para Maria, minha mãe,  
que também fez vestidos para mim.

Vanessa Prezoto





A vovó Marlene ficava num cantinho da sala, diante de uma janela pela qual entrava bastante sol. Ela transformava metros e metros de tecidos em pedaços de sonhos. Ao menos era isso que dizia a Guilhermina, sua única netinha, que se enroscava por entre os retalhos esparramados pelo desgastado assoalho.

Guilhermina adorava se misturar naquele festival de cores e texturas. Cada pano tinha um nome diferente, uma cor, um toque na pele. O feltro, tão suave; o linho, meio áspero; o algodão, tão fofinho que lembrava os pequenos flocos de onde vinha; e o mais divertido e colorido de todos, a chita.

Tudo corria bem, até o dia em que a menina encontrou algo prateado brilhando. Ela esticou a mãozinha para pegar o estranho objeto e, de repente, abriu o berreiro: a agulha havia furado seu dedo.

Ao escutar o choro, a vovó levantou-se com dificuldade e pegou a netinha no colo.

— Minha querida, que distraída que sou! A agulha caiu e eu não vi. Vou dar um beijinho que logo sara.

Guilhermina recebeu o beijinho no dedo, mas não só isso. Também ganhou uma história. A vovó costumava cantar enquanto trabalhava, mas, quando a netinha estava por perto, ela contava histórias, ao mesmo tempo que pisava no pedal da máquina de costura.

Naquele fatídico dia da agulha, Guilhermina ouviu a vovó narrar o drama de uma princesa que, ao completar dezesseis anos, furou o dedo numa roca e pôs-se a dormir para sempre.

— Roca era a vovozinha da máquina de costura — explicou vovó Marlene. — Antigamente, a roca era usada para enrolar os fios de algodão, linho ou lã. Mas eu nunca vi uma, só nas histórias...

Guilhermina acompanhava com curiosidade o fim da história da tal bela moça adormecida. E havia muitas outras envolvendo tecidos e costura. A que mais assustava a menina era a das mulheres com o poder de cortar o fio da vida. Quando elas faziam isso, era sinal de que a pessoa iria morrer.

— Não precisa ficar assustada — disse a vovó uma vez. — Elas só cortam o fio no momento em que estamos bastante distraídos, nem dá para perceber. Agora, vá se divertir.



